

---

---

# LITERATURA INFANTIL: UM NOVO OLHAR PARA A CRIANÇA ACERCA DE SUAS POTENCIALIDADES

---

---

*CHILDREN'S LITERATURE: A NEW LOOK FOR CHILDREN  
ABOUT THEIR POTENTIALITY.*

Márcia Regina Feitosa Santos 39  
Aline de França Silvério 40  
Fátima Alves Santos 41

## RESUMO

Esta pesquisa tem por finalidade apontar que o gênero textual fábula como material didático-pedagógico pode ser o grande facilitador na minimização do ensino-aprendizagem na alfabetização e letramento. Como é sabido que o aprendizado possui níveis diferentes, em português, existem duas etapas iniciais, que neste trabalho serão denominadas habilidades básicas de alfabetização (alfabetização) e habilidades de alfabetização (letramento). Alfabetizar e letrar são processos bastante complexos, e, muitas vezes, são confundidos, embora distintos, mas com suas especificidades. Alfabetizar é ensinar o código alfabético, é decodificar os signos, dando-lhes significação, enquanto letrar é familiarizar o aprendiz com diversos usos sociais e/ou atividades que se propõem interação do sujeito com o contexto social. A situação – problema: as práticas de decodificar o signo linguístico precisam ser medidas pelos aspectos cognitivos, psicoafetivo e biopsíquicos, o que busca instrumentalizar-se com as fábulas, como objeto estimulador da ensinagem linguística. Questiona-se: que magia e influência exercem as fábulas como ferramenta didático-pedagógica na alfabetização e/ou letramento? A pesquisa bibliográfica é pautada em referenciais de autores, como Soares (1998); Carvalho (2009); Cadermatori (1995); Abramovich (1997); Coelho (2000) e outros. Os resultados obtidos, segundo a pesquisa empírica no Centro Social Nerivaldo Costa, em um saguão, com o gênero textual fábula propõe mediante o prazer resultado positivo, levando o aprendiz à prática da leitura e escrita, em concomitância às atividades sociais no exercício do letramento para a cidadania e a criticização.

**Palavras-chave:** Alfabetização. Letramento. Fábulas. Ensino-Aprendizagem.

## ABSTRACT

This research aims to point out that the textual genre fable as a didactic-pedagogical material can be the great facilitator in Basic Literacy Skills and Literacy Skills. As it is known literacy have different levels, in portuguese, there are two initial stages, which in this work will be called basic literacy skills (alfabetização) and literacy skills (letramento). Both stages are quite complex processes, and are often puzzled out, although distinct, but with their particularities. Basic Literacy Skills is to teach the alphabetic code, is to decode the signs, giving them meaning, while literacy skills is to familiarize the learner with various social uses and / or activities that propose interaction between the subject and the social context. The problem-situation: the practices of decoding the linguistic sign need to be measured by cognitive, psycho-affective and biopsychic aspects, where fables seek to work as an instrument that stimulates the teaching of linguistic. Question: What magic and influence do fables play as a didactic-pedagogical tool in basic literacy skills and / or literacy skills? The bibliographic research is based on references of authors, such as Soares (1998); Carvalho (2009); Cadermatori (1995); Abromovich (1997); Coelho (2000) and others. The results obtained, according to the empirical research at the Nerivaldo Costa Social Center, in a lobby, with the textual genre fable, proposes with pleasure, a positive result, leading the learner to the practice of reading and writing, concomitantly with social activities in the exercise of literacy for citizenship and criticism.

**Keywords:** Basic Literacy Skills. Literacy Skills. Fables. Teaching-learning.

## INTRODUÇÃO

Abordar a literatura Infantil como ferramenta às práticas do desenvolvimento do signo linguístico é tê-la como arte. É por meio dessa práxis que se é possível contribuir com a base

---

39 Pedagoga pela Universidade Estadual de Goiás (marciafeitosa150@gmail.com).

40 Pedagoga pela Universidade Estadual de Goiás (alinesilveriofrancaa@gmail.com).

41 (Orientadora) Pedagoga e ex-docente do curso de pedagogia da Universidade Estadual de Goiás (falves54@bol.com.br).

na realidade, novos universos e ampliar o imaginário tão significativo na fase da alfabetização. Ler transporta ao leitor a mundos e espaços, ainda, desconhecidos.

Essa pesquisa tem por finalidade maior apontar que o gênero textual fábula como material didático-pedagógico pode ser o grande facilitador na minimização do ensino-aprendizagem na alfabetização e letramento.

Leitura e literatura são interligadas quando se trata da aquisição de conhecimentos que, neste caso, busca-se o prazer nas descobertas de vivenciar mediante ao gênero textual fábulas, os sentimentos e as ações das personagens que agem, semelhantemente, aos homens numa lição de moral, que revela as muitas práticas sociais num contexto de vaidade, antiético, individualista, egocêntrico, apontando o quanto o homem necessita de mudanças para se fazer melhor.

A pesquisa campo se efetivará mediante a contação de histórias que serão ministradas, tendo o Gênero Textual Fábula como instrumento minimizador das dificuldades do aprendiz no processo da alfabetização e práticas de letramento para obter uma resposta que, sem dúvida, irá apontar que o aprendiz quando motivado, seu aprendizado é eficaz, uma vez que o prazer propõe maior apreensão da realidade.

Nesse contexto de contação de histórias é que se é possível introduzir as práticas, alfabetizar e letrar o aprendiz, tendo por fundamento o Gênero textual Fábula, uma vez que a literatura infantil propõe que a criança pouco a pouco desvende o mundo, amadureça seus sentimentos e emoções, além de desenvolver a linguagem, a oralidade e confabular o imaginário.

Origina-se o Tema: “Literatura Infantil: um novo olhar para a criança acerca de suas potencialidades”. O ato de alfabetizar e letrar é um processo de mais complexidade, posto que, segundo Soares (1998, p. 65 apud Carvalho, 2009) no Brasil esses dois termos se confundem, embora sejam distintos, uma vez que “alfabetizar é ensinar o código alfabético; letrar é familiarizar o aprendiz com diversos usos sociais da leitura e escrita”. Tem-se nesse contexto, a situação - problema: as práticas de decodificar o signo linguístico precisam ser medidas pelos aspectos cognitivos, psicoafetivo e biopsíquicos, o que busca instrumentalizar-se com as fábulas, como objeto estimulador da ensinagem linguística. Questiona-se: que magia e influência exercem as Fábulas, como ferramenta didático-pedagógica na alfabetização e letramento?

A justificativa concentra-se no desejo e/ou tentativa de facilitar o ensino-aprendizagem na decodificação do signo linguístico, além de incentivar o prazer e o gosto pela leitura, uma vez que a fábula é metafórica e tem uma linguagem sugestiva, o que atrai ao ato de

ler e ao exercício às inter-relações na vivência do letramento tanto a linguagem oral quanto à escrita.

O universo da literatura infantil invade e encanta, dando respostas às indagações, fantasias e curiosidades. É o momento de o aprendiz ser orientado para enxergar e ouvir de forma inovadora o mundo que o rodeia. Os objetivos estão em aprender o valor de empreender a decodificação do signo linguístico quanto ao processo da alfabetização e ir além quanto às práticas sociais na práxis do letramento com o emprego das narrativas fábulas, facilitando o aprendizado, à compreensão e a assimilação da palavra e seu contexto.

A pesquisa é bibliográfica/exploratória na utilização de materiais já publicados em diferentes sites na obtenção de informações com leituras sistêmicas para fim de contextualização; a técnica de observação que se caracteriza mais direto com a realidade, seja com o aprendiz e/ou com o texto na obtenção de maiores informações sobre determinado objeto de estudo e/ou fenômeno; a abordagem qualitativa que pode mensurar, mas não consegue explicar. É, sim, uma forma de entender a natureza de fenômeno social que, neste caso, o alfabetizar e letrar num processo de decodificar os símbolos signos de linguagem.

A pesquisa visa os aspectos subjetivos, crenças que orientam as ações humanas, posto que aqui buscam a natureza das respostas, dos sentimentos, das opiniões, não o quanto, mas aquilo que os sujeitos pensam, sentem, defendem e valorizam. É um método que permite interpretações e estabelecer nova compreensão de fenômenos que são produtos mentais, culturais e subjetivos (RICHARDSON, 1999 In NUNES, 2008). Desse modo, por um lado, reconhece que a alfabetização é entendida num processo convencional de ler e escrever enquanto letramento é entendido como desenvolvimento de comportamentos e habilidades com competência da leitura e escrita.

## **1 LITERATURA INFANTIL: CONTRIBUIÇÕES PARA ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO**

Os registros de estudo do século XIII revelam que não havia sentimento para com a criança, ela não tinha infância e era inserida no mundo dos adultos com suas miniaturas de roupas e costumes. A criança não passava pelos estágios infantis como em época contemporânea. De acordo com o princípio de inocência; a socialização não fazia parte da família. Elas realizavam as tarefas dos adultos, garantindo a aprendizagem por imitação. A falta de conhecimento familiar traz o discernimento de como embrenhar o sentimento de infância em relação às crianças. À noite, era uma tradição de a família se reunir no saguão para ouvir narrativas acerca dos contadores de histórias, e narrativas de fábulas cujas personagens, embora

sendo animais, agem e pensam semelhantemente ao homem. São textos criativos e curtos que deixam lição de moral, isto é, com ensinamentos de valores éticos.

Os obstáculos, ainda, para uma nova infância persistem ao longo dos séculos. Coelho (1997, p. 123) relata que “Os irmãos Grimm, Jacob e Wilhelm, foram estudiosos, pesquisadores, que em 1800 viajaram por toda a Alemanha conversando com o povo, levantando suas lendas e sua linguagem e recolhendo um farto material oral que transcreviam à noite...” Os registros encontrados na época informam que eram histórias que os adultos passavam de geração a geração.

O verdadeiro significado de educação infantil inicia-se e a sociedade vai em busca de mudança na concepção de uma nova infância. Portanto, (Idem 1997, p. 123) “Não pretendiam escrever para crianças, tanto que seu primeiro livro não se destinava a elas... Só em 1815 Wilhelm mostrou alguma preocupação de estilo, usando seu material fantástico de forma sensível e conservando a ingenuidade popular, a fantasia, e o poético ao escrevê-lo”. Assim muitos autores utilizaram-se desse material, adaptando-os para um novo tempo o “tempo da literatura”.

Nessa construção de saberes Cademartori, (1995, p. 33) fundamenta, “No século XVII, o francês Charles Perrault (Cinderela, Chapeuzinho Vermelho) coleta de contos e lendas da Idade Média e adapta-os, construindo os chamados contos de fadas, por tanto tempo paradigma do gênero infantil”. O fenômeno literário se apoia também em Andersen, o autor de *O Patinho Feio* ressalta Coelho em sua narração:

A julgar pela visão de mundo patente na história, pode-se imaginar que, em certo momento, Andersen, o contador de histórias, tocado pela *idéia* de que a *essência do ser*, a potencialidade ou as qualidades intrínsecas do indivíduo são muito mais importantes do que a aparência física ou sua classe social, Andersen inventa uma situação simbólica que, atraindo a atenção das crianças e divertindo-as, lhe ensinasse essa grande lição de vida. Por tanto, ao inventar a história *O Patinho Feio*, [...] Esse grande escritor dinamarquês criou, para sua ideia, uma linguagem literária que se transformou na alegre mensagem de esperança e confiança no valor intrínseco do ser humano. Mensagem que há mais de cem anos vem alegrando e encantando crianças do mundo inteiro (COELHO, 2000, p. 65).

Surge, então, às primeiras obras literárias destinadas ao público mirim, com cunho didático-pedagógico na intenção de transmissão de valores, socialização e moralização do leitor.

Com a evolução Literária, os clássicos sofreram adaptações e os contos dos camponeses serviram de inspiração para os contos de fada. No Brasil destaca-se o escritor e editor Monteiro Lobato que, em 1920, escreveu *A menina do nariz arrebitado*, criador do *Sítio*

do *Picapau Amarelo*. Sua obra de maior destaque e conhecedor da realidade do país, entre a ficção e a realidade amarram-se as questões sociais brasileiras à literatura.

Para Cademartori, (1995, p. 48) “[...] seus livros infantis criam um mundo que não se constitui num reflexo do real, mas na antecipação de uma realidade que supera os conceitos e os preconceitos da situação histórica em que é produzida”. Com uma consciência social apurada, conduziu-o a ter uma admiração e respeito pelo leitor. Na sua criatividade, Lobato reescreve as fábulas fundamentadas nas narrativas de Esopo (um escravo grego que ensinava às classes de maior poder aquisitivo), e Lá Fontaine (um poeta e fabulista francês), que ressurgem com uma significação especial, com seus elementos analisados, da mesma forma, sujeito à críticas, numa busca de analisar o que existe no mundo, na natureza do ser e a realidade, como a *Cigarra e as Formigas*, *O Velho*, *O Menino e a Mulinha*, dentre inúmeras obras, nesse mundo imaginário.

Na literatura infantil, a criança vive um mundo de fantasia em que sorri, chora, alegre entristece e participa de cada detalhe de uma história, por meio da imaginação. A criança brinca, diverte, aprende novas palavras, brincadeiras, cantiga de roda, descobre as emoções, desenvolve a aprendizagem, aprende contar e recontar histórias e logo estimula a vontade de saber ler e a escrever novas histórias, conforme Coelho esclarece:

Expandem-se cada vez mais a ideia de que a literatura (narrativas, estórias, poesia) atua em seus leitores como uma espécie de ‘ponte’ entre a sua experiência individual e o mundo de experiências contido no livro, mundo que, ao ser vivenciado pelo leitor, passa a integrar sua particular experiência de vida e oferece-lhe de maneira subliminar (inconscientemente) ou explícita, não só sugestões de conduta ou de valores (emocionais, éticos, existenciais, etc.), mas também um sentido maior para sua vida real (COELHO, 2000, p. 154).

Um mundo imaginário, encantador, formador de valores éticos e morais, uma fonte enriquecedora de conhecimento e informação, além de oferecer o método lúdico que propõe prazer, alegria, entusiasmo e uma imaginação fértil capaz de se envolver em situações fantasiosas. É nesse universo que a criança sente curiosa por descobrir o signo linguístico e os seus respectivos significados.

É a literatura infantil, neste caso, objeto a ser pesquisado numa relação do mundo real com o imaginário. Entre a ficção, a fantasia, o aprendiz vai, gradativamente, desenvolvendo os aspectos da cognição, psicoafetivo e biopsíquico, visto que a inteligência deve se manter entre a acomodação e o equilíbrio no processo ensino-aprendizagem.

### 1.1 A importância da Literatura Infantil no desenvolvimento da criança letrada

A Literatura Infantil originou-se no Brasil entre 1979 a 1980 com caráter ético e didático, logo as histórias não falavam da vida de forma lúdica, porém tornou-se um gênero literário, e foi adaptado ao público mirim. Com o conceito singular, o livro pode ser definido a partir do leitor, os traços específicos contam com o texto infantil, o leitor em formação e sua faixa etária.

Na concepção de Coelho, (2000, p. 27) “a literatura infantil é, antes de tudo, literatura; ou melhor, é arte: fenômeno de criatividade que representa o mundo, o homem, a vida, através da palavra. Funde os sonhos e a vida prática, o imaginário e o real, os ideais e sua possível/impossível realização...”. A partir desse contexto, a literatura infantil destinada aos pequenos leitores na idade de alfabetização, apresentam algumas características: os livros devem conter ilustrações que predominam o texto, linguagens simples, cotidiana, frases curtas, figura de linguagens como a onomatopeia, personagens simbólicos ou reais, o mundo da fantasia e o mundo real.

Dessa forma, por meio do desenho, pinturas, narrativas em imagens, história sem texto, desafia o olhar e a atenção do leitor para decodificação da leitura. Uma leitura compartilhada miscigena o ato de aprender e ensinar um momento de estimulação na tentativa que o sujeito apresenta suas ideias e impressões acerca do texto.

O processo de alfabetização considera as sugestões dos alunos para produções, dando início com frases e, posteriormente, chegarão ao texto. E, para o livro que contém apenas imagens e/ou figuras se torna também um aliado para a aquisição de leitura, impulsionando-os a decifrar a história. Adequado para auxiliar a alfabetização, um livro quando adquirido pelos pais, na primeira infância, fortalecem os laços entre pais e filhos e os levam ao mundo de imaginação, propicia o reconhecimento dos signos, induzindo todos à leitura.

Coelho (2000, p. 34) explica “o leitor iniciante (a partir dos 6/7 anos) Fase da aprendizagem da leitura, na qual a criança já reconhece, com facilidade os signos do alfabeto e reconhece a formação das sílabas simples e complexas.” Com a ajuda de um adulto que deve respeitar o seu conhecimento adquirido, a criança deve pesquisar para encontrar o gênero e assunto literário de seu maior interesse, aprender como manusear e conferir sua faixa etária. São ferramentas de ensino em que o extraordinário prende a atenção dos alunos e dos filhos quanto à leitura, e favorecem a capacidade de decodificar os sinais gráficos.

A sugestão que cerca a literatura infantil é incentivar a formação de hábito de leitura na idade que está acontecendo o desenvolvimento da personalidade da criança. De acordo com os dados do Ministério da Educação (MEC), a proposta de Base Nacional Comum Curricular

(BRASIL, 2017, p. 61) “No Ensino Fundamental - Anos Iniciais, e seus componentes curriculares tematizam diversas práticas, considerando especialmente aquelas relativas às culturas infantis tradicionais e contemporâneas.”

A BNCC determina caminhos de ensino-aprendizagem aos estudantes da educação básica, com a preocupação de promover a equidade educacional, assim reduzir as desigualdades educacionais do país, valorizando as didáticas de ensino que envolve o lúdico. Inclusive a BNCC ressalta, “Nesse conjunto de práticas, nos dois primeiros anos desse seguimento, o processo de alfabetização deve ser o foco da ação pedagógica.” então contempla que, a alfabetização das crianças deverá ocorrer até o segundo ano do ensino fundamental, objetivando o direito básico do ato de aprender a ler e escrever na utilização do livro, compreendermos que a ludicidade promove o aprender divertido, Abramovich ressalta que:

É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções, importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver tudo que as narrativas provocam em quem as ouve – com toda a amplitude, significância e verdade que cada uma delas fez (ou não) brotar... Pois é ouvir, sentir e enxergar com os olhos do imaginário! (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

O adulto consciente que a criança não consegue fazer leitura precisa ajudá-la, sendo o leitor e o narrador do livro ou da história, incentivando-a fazer leitura futurante. A literatura traz como sua principal função, à possibilidade de um ensino-aprendizagem educacional, a leitura e a escrita, as práticas sociais e políticas. Cademartori exemplifica que:

A partir desses fatores é que se pode avaliar o lugar que a literatura infantil ocupa, hoje, no Brasil, e sua relação direta com o processo de democratização por que passa o país, uma vez que se liga com a preocupação de formar gerações capazes de pensamento crítico e de superar os limites das experiências já adquiridas (CADEMARTORI, 1995, p. 20).

Com a diversidade de livros, com conteúdos coloridos, estimulantes, linguagens autônomas e de fácil aquisição no mercado, o objetivo agora é mostrar para o leitor mirim, que a aquisição da leitura o transporta para a descoberta de um novo mundo. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17). “É através duma história que se podem descobrir outros lugares”. É muito importante que oportunize a criança ao manuseio de livros para que o aprendiz panhe gosto e se sinta cada vez mais estimulado às práticas do ler.

## 1.2 Alfabetização e letramento: uma preparação para significação dos signos linguísticos

Por meio de estudos, sobre o tema, foi possível notar que a alfabetização é um processo de aquisição do ensino-aprendizagem em que se desenvolve a assimilação do ler e escrever. O

letramento é o processo de aquisição e domínio da competência da leitura e da escrita e suas práticas sociais, ainda que não leiam, não escrevem, e não são alfabetizados, considera-se como detentor do letramento.

Desta forma, alfabetização e letramento são aprendizagens distintas, em que o domínio sobre a leitura e a escrita distingue suas principais diferenças. Enquanto o indivíduo alfabetizado compreende os códigos de codificação e decodificação no sistema da escrita, o letramento tem a autoridade usual da língua no cotidiano do sujeito, visto que é entendido como o desenvolvimento de comportamentos e habilidades com competência da leitura e escrita, Almeida considera que:

O letramento é composto pelas experiências de vida da criança dentro e fora da escola, por meio da interferência dela própria, como elemento desencadeador da ação, uma vez que tenha consciência do mundo e do papel que pode desempenhar nele. Letramento é a função social da letra na vida da criança. A forma como a criança vive, como ela elabora suas ações, como a letra entra no cotidiano dela, quais interferências lhe são possíveis, na escola, por exemplo. Letramento é a letra que ganha vida ativa. É a vida que surge na palavra criança (ALMEIDA, 2009, p. 16).

Ao tornar-se um sujeito letrado, será capaz de se localizar, de se informar com jornais, utilizar transportes urbanos, interagir com o meio, seguir receitas, interpretar textos, criar e participar de ações e contextos sociais e, nesse âmbito, sem ser alfabetizado, o educando volta um troco, e preenche um recibo ou embarca em um ônibus com seu destino perfeitamente correto. Nessa circunstância, pode ser compreendido que, quando um aprendiz se certifica alfabetizado, não significa que ele seja letrado.

Na fase da alfabetização as crianças vão compreendendo os signos e entende que uma imagem a fará compreender o significado, assim memoriza, ao ver os estímulos externos que tem a identificação de reorganizar os estímulos de maneira interna, então utilizando a estrutura do processo de captar os signos externos, assim ela conseguirá agir por si mesmo. Presume-se que o desenvolvimento da criança é um processo argumentativo complexo caracterizado pela constância, desigualdade no desenvolvimento de diferentes funções, metamorfose ou transformação qualitativa de uma forma em outra, embricamento de fatores internos e externos, e processos adaptativos que superam os impedimentos que a criança encontra.

No ponto de vista de Almeida (2009, p. 8) “a leitura e a escrita são processos cognitivos que são desencadeados e elaborados em um ambiente socialmente favorável. Assim, quanto mais características alfabetizadoras tiver o ambiente mais possibilidades terá o aluno de acessar e absorver toda dinâmica dos processos”. A sala ambiente, e a interação da criança com o objeto do conhecimento estão ganhando espaço a cada dia na intenção de facilitar o ensino-aprendizagem.

A alfabetização é um processo que tem seu início antes da idade escolar, mesmo entre realidades sociais diferentes, em seu cotidiano o aluno descobre que existem os signos mediante rótulos, palavras em placas, televisão e o método mais considerável exerce a influência ao acesso dos livros, esses já são mais restritos, pois nem toda família possui livros de literatura infantil, porém os panfletos de supermercados são um veículo de leitura em que a criança interage com a imagem e associam aos signos.

A alfabetização, assim definida, corresponde a um conjunto determinado de conhecimentos a respeito do código escrito, o qual deve ser posto em prática quando a pessoa participa de situações sociais ligadas à escrita. Nessa perspectiva, a alfabetização pode ser concebida como uma aprendizagem específica inseparável do letramento, [...]. E o que é muito importante, a alfabetização se faz necessária para garantir um letramento pleno, embora não seja suficiente, se tomada isoladamente (ZORZI, 2017, p. 7).

Entre todas as concepções que permeiam a aquisição da aprendizagem, o professor, visto como um mediador, fundamentado nas práticas pedagógicas dos anos iniciais do ensino fundamental, também, possui a estratégia pedagógica de conciliar assimilação e acomodação do sistema alfabético, com as possibilidades do uso da língua e suas práticas sociais com a leitura e a escrita.

De acordo com Zorzi (2017, p. 8) “nada deve impedir que um aprendiz seja letrado e alfabetizado, ao mesmo tempo, na medida que ambos os processos podem ser vistos como interdependente e complementares”. Assim respeitando o conhecimento prévio e seu meio social, cada aluno tem seu momento, no seu processo cognitivo. “Alfabetizar implica educar a mente e os sentimentos. O aprendiz precisa apropriar-se não só das letras, mas também de todas as sensações que elas podem expressar”. (Idem, 2017, p. 7). Então, ao ensinar a leitura e a escrita, explorar o conhecimento sonoro que as letras apresentam, apoiando-se em um texto literário infantil, contempla ao aprendiz à aventura da leitura, ampliando assim seu conhecimento empírico.

## **2 A FÁBULA COMO INSTRUMENTO MINIMIZADOR DAS DIFICULDADES DE APRENDIZAGEM**

Esta seção, além de ser muito importante, traz uma fluência recíproca entre teoria e prática, contemplando aprendiz e aprendizado para o ouvinte e para o contador de histórias. A significação de ver o ouvinte parar, olhar e ouvir, deixa transparecer a resposta para todas as indagações de como atrair a atenção de uma sala de aula com crianças de 6 a 7 anos em um mesmo momento, na intenção que eles adquiram o conhecimento de forma simples com a utilização do lúdico com o auxílio dos gêneros textuais.

As fábulas são composições literárias curtas, escritas em prosa ou versos em que alguns dos personagens são animais que apresentam características humanas (como falar), muito presente na literatura infantil, estruturada para crianças terminam com um ensinamento moral de caráter instrutivo contribuindo assim no aprendizado e convívio em sala de aula.

Nesse âmbito, o papel do contador de histórias é propiciar ao aluno a possibilidade do descobrir, refletir, debater e constatar que existem formas agradáveis de aprender. Nesse momento, o educador deve estimular o conhecimento de cada um e pedir um reconto ou que construam uma versão diferente da história na mesma estrutura textual.

## 2.1 Origem e conceito das fábulas

A fábula é um gênero textual versátil nas diversas situações, visto permitir a exploração de inúmeros assuntos, principalmente, para as crianças, ensinam os preceitos morais, com sutileza sem que percebam.

Fábula (lat. *Fari*= falar e gr. *Phaó*= dizer, contar algo) é a narrativa (de natureza simbólica) e uma situação vivida por animais que alude a uma situação humana e tem por objetivo transmitir certa moralidade. A julgar pelo que a história registra, foi a primeira espécie de narrativa a aparecer (COELHO, 2000, p. 165).

A fábula em sua concepção é uma narrativa e seus personagens, geralmente, são animais, forças da natureza ou objetos, ao aparecerem como personagens, imitam ações humanas e, por isso, fazem uso da figura de linguagem conhecida como prosopopeia, ou personificação, além disso, a fábula encerra com uma lição de moral ou de outro modo “[...] a ‘fábula’ é uma história curta, em prosa ou verso, apresentando geralmente animais, sob uma ação alegórica, encerrando uma instrução, um princípio geral ético, político ou literário, que se depreende naturalmente do caso narrado” (RECANTO DAS LETRAS, 2012, s/p).

Esopo, um escravo grego, que supostamente teria vivido no Séc. VI a.C., é considerado o primeiro grande fabulista. La Fontaine, escritor francês que viveu no Séc. XVII foi outro grande fabulista que imprimiu à fábula grande refinamento. Desse modo, “foi a partir de La Fontaine nos séculos XVIII, XIX e XX que a fábula ganhou o mundo, tornando-se famosa por grandes países como França, Espanha, Portugal, Inglaterra, Alemanha e Brasil” (Idem, 2012, s/p).

De modo semelhante aos contos de fadas, durante a Idade Média, a fábula era destinada para o público adulto “[...] a sua finalidade era realmente transmitir uma mensagem para homens e mulheres adultas, diferentemente dos dias atuais, onde as fábulas são em sua maioria diretamente transmitidas para crianças infanto-juvenis” (RECANTO DAS LETRAS, 2012, s/p).

As fábulas se tornam uma aliada no ensino-aprendizado contém instrumentos pedagógicos poderosos para memorização de valores de ordem moral e social com créditos educativos. Nesse parâmetro:

A atividade lúdica é o princípio das atividades intelectuais da criança, daí ser indispensável à prática educativa. É no brinquedo que a criança adquire as lições que no futuro estarão na base de suas ações – a brincadeira é uma função específica da infância, em que a criança recria a realidade usando sistemas simbólicos (LA FONTAINE, 1986, p. 5).

O fabulista francês Jean de La Fontaine que adotou as histórias de Esopo e também somadas a outras obras de sua autoria, despertou leitores com seus versos, seguindo regras e rimas. Seus livros traduzidos percorrem o mundo.

Nascido em Taubaté, São Paulo, o escritor José Bento Monteiro Lobato e sua biografia ressalta a compra da primeira editora nacional nomeada “Monteiro Lobato & Cia.”, em 1921 dedicou-se à literatura infantil, porém em 1945, é que foram publicadas suas obras completas, reinventando o encantado universo infantil, lançando o *Sítio do Picapau Amarelo*, com *Narizinho Arrebitado* e tantos outros notáveis personagens.

Entre a ficção e a realidade amarram-se as questões sociais brasileiras à literatura. Em seu legado Lobato (1994, p. 59) destaca, “Através de Emília diz tudo o que pensa; na figura de Visconde de Sabugosa critica o sábio que só acredita nos livros já escritos. Dona Benta é o personagem adulto, que aceita a imaginação criadora das crianças, admitindo as novidades que vão modificando o mundo.” Os textos infantis escritos há décadas provocam polêmicas contemporâneas, contrapõe à Luta pela eliminação do preconceito racial com o objetivo de proteger os direitos fundamentais dos seres humanos condenando todo o tipo de discriminação pela cor, gênero, nacionalidade, etnia, idioma, religião ou qualquer outra condição.

Quando se refere aos trabalhadores do sítio, (LOBATO, 1994, p. 59), caracteriza “Tia Nastácia é o adulto sem cultura, que vê no que é desconhecido o mal, o pecado. Narizinho e Pedrinho são as crianças de ontem, hoje e amanhã, abertos a tudo, querendo ser felizes”. São personagens de um mundo imaginário que contagiando adultos e crianças sem a intenção de ofensa a qualquer ser humano, muitos leitores reconhecem que são histórias fabulosas da imaginação.

As obras escritas para crianças de Monteiro Lobato são consideradas um marco na história da literatura infantil brasileira, Em um dos capítulos de Emília surgiu o famoso pó mágico que, quando aspirado, serviria para transportar o usuário por meio de outras dimensões, do tempo e do espaço, “E assim o pó de Pirlimpimpim continuará a transportar crianças do mundo inteiro ao Sítio do Picapau Amarelo, onde não há horizontes limitados por muros de

concreto e de ideias tacanhas”. Em 4 de julho de 1948 falece esse escritor, que trazia o espírito juvenil e coragem para criticar o Brasil com sutileza em seus livros. E, nesse contexto, originaram-se as fábulas que foram reescritas a partir de Esopo e Jean de La Fontaine.

Com características marcantes, conforme Sousa:

A fábula, costuma ser conceituada como breve narrativa alegórica, de caráter individual, moralizante e didático, independente de qualquer experiência espiritual ligada ao sobre natural. Nela, as personagens apresentam situações do dia-a-dia, de onde podem ser extraídos paradigmas de comportamento social, com base no bom senso popular. Seres irracionais e, as vezes, até mesmo coisas e objetos, contracenam entre si, ou com pessoas, ou com deuses mitológicos (SOUSA, 2002, p. 32).

Em cada final de uma fábula há um fim moralizante em diversas histórias, o protagonista pode ser um animal que age e fala semelhante ao ser humano. Assim desperta o interesse do leitor para a escuta e futuramente a releitura. Classificada em um gênero narrativo e discursivo em sua popularidade, com personagens (protagonista, antagonista, e coadjuvante), foco narrativo (1ª e 3ª pessoa), presença de um narrador (personagem observador ou onisciente), do tempo (cronológico ou psicológico) e espaço (onde acontece a história) embora reduzidos. Finaliza-se com uma lição de moral, levando o leitor a uma reflexão.

As obras são direcionadas ao público infantil, com a finalidade de propagação de valores essenciais à convivência social, contemplando a ética, amizade, respeito às diferenças, humildade, generosidade, dentre outros preceitos.

## 2.2 Literatura e Alfabetização: fábulas e sua subjetividade no processo alfabetizar e letrar

Ler e escrever, tornar-se alfabetizado, um processo que nunca termina. No decorrer da vida, o ser humano estará em constante aprendizado, sempre se alfabetizando ou aprendendo algo, são atividades complexas que exigem uma aprendizagem específica. O estudante só conseguirá aprender a ler, lendo, logo aprenderá a escrever, escrevendo. Mesmo que o aprendiz saiba ler, ele pode não saber escrever. São etapas a serem cumpridas no início dos anos iniciais na escola.

Apoiando-se no gênero textual fábula e suas contribuições que cercam a aprendizagem infantil, denotam-se as possibilidades da alfabetização a partir das histórias que a fábula traz. As narrações que o professor faz se tornam importantes. É por meio da audição que se inicia a aprendizagem. O ouvinte para, e o silêncio invade o espaço. A contação de história, ela, permeia o ambiente, despertando o imaginário. Propicia o gosto para a leitura, apresenta a satisfação que o recurso (livro) oferece na fase de aquisição da leitura/escrita e compreensão de mundo.

Nesse aspecto, ao se identificar com as fábulas, se faz possível que o sujeito e/ou aprendiz venha a descobrir o mundo imenso dos conflitos e das soluções que todos atravessam.

Essa reflexão aborda alguns dos gêneros textuais do universo literário com ênfase na tipologia textual narrativa, e explica como são organizados. Logo no primeiro contato com os livros infantis, percebe-se que essas obras são diferentes a partir de seu conteúdo e forma e, principalmente, pelo autor e época. Todas as modalidades literárias são influenciadas por suas personagens no espaço e no tempo. E, de acordo com sua estrutura, o seu conteúdo e a sua extensão se classificam em obras narrativas. As estruturas do conto de fadas de autoria dos irmãos Grimm, como *Branca de Neve* e das fábulas de Esopo, podem ser parecidos, mas provêm de conteúdos de ensinamento ético e morais diferenciados.

A partir da ideia das diversas obras, de seus conteúdos, suas formas e autoria, facilmente chega-se a uma conclusão em que os elementos do gênero textual se distinguem ou se assemelham, uns dos outros, o que impede que os confundam, mesmo com determinadas afinidades entre seus caracteres, as tipologias textuais habituais na estrutura dos gêneros consideram a narração, a descrição, a dissertação, a injunção, a explicação, a predição, e diálogo. O gênero domina uma tipologia de suporte, sendo que se pode utilizar mais de uma tipologia, um mesmo gênero caracterizando a diversidade tipológica. De acordo com Köche e Marinello:

A tipologia textual narrativa relata situações, fatos, acontecimentos, reais ou imaginários, e envolve personagens, situadas em um tempo e espaço. De acordo com Bromckart (1999), a sequência narrativa é sustentada por um processo de intriga, de modo a formar um todo, uma história ou sua ação completa, com início, meio e fim. Nesse tipo, de sequência, ocorre a mudança de um estado para outro; há, portanto uma relação de anterioridade e posterioridade. Essas tipologias se fazem presente em gêneros textuais como o romance, a novela, o conto, a fábula e o mito (KÖCHE, MARINELLO 2015, p. 10).

Os gêneros e suas especificidades despontam ao longo da história literária, com o intuito de comunicação com seu público. Os gêneros estão sujeitos a modificações assim como também podem evoluir, exemplo da literatura infantil que na década de 1920 se adapta ao leitor mirim. Köche e Marinello explicam que o convívio entre os sujeitos sobrevêm a partir dos gêneros textuais. “Isso significa que os gêneros são flexíveis, e o usuário da língua pode valer-se dos que já circulam socialmente, modificá-los ou até mesmo criar novos gêneros com base nos já existentes” (Idem, 2015, p. 9).

O gênero textual é uma proposta dos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) de Língua Portuguesa que elege o texto como unidade básica no processo de ensino-aprendizagem e estabelece a relação de trabalhar a antologia dos contos e caracterização linguística dos textos,

permitindo o desenvolvimento linguístico, comunicativo, auxiliando no método de aquisição da leitura, discussão, produção, interpretação. “O ensino de Língua Portuguesa tem sido marcado por uma seqüenciação de conteúdos que se poderia chamar de aditiva: ensina-se a juntar sílabas (ou letras) para formar palavras, a juntar palavras para formar frases e a juntar frases para formar textos” (BRASIL, 1997, p. 28).

Ao partir dessa premissa, cabe ao professor mediar os conhecimentos por meio do ensino, o que requer uma nova atitude do educador posiciona-se como pesquisador, amplia seus conhecimentos, além de melhorar o planejamento e desenvolvimento das novas propostas de atividades, como incluir textos nas aulas de Língua Portuguesa e trabalhar com a diversidade textual, agregando os gêneros textuais específicos. Em consonância Köche e Marinello explicam:

O ensino de Língua Portuguesa a partir de gêneros textuais permite ao aluno dominar progressivamente um número cada vez maior de recursos linguísticos. Com isso, ele terá condições de adaptar o texto a ser produzido, especialmente sua estrutura, seu conteúdo e sua linguagem, ao possível interlocutor e à situação comunicativa em que está inserido. A exploração dos gêneros em sala de aula traz benefícios para o aprendiz, pois é uma significativa oportunidade de se trabalhar com a linguagem nos seus mais diferentes usos do cotidiano (KÖCHE; MARINELLO, 2015, p. 7).

Nesse aspecto, o ensino da produção textual adquire uma nova perspectiva. O PCN (1997) esclarece que texto é o resultado da ação discursiva oral ou escrita, que relaciona coesão e coerência, formando a textualidade. Esse conjunto de características que fazem do texto considerado correto e não um amontoado de palavras e frases. Ainda de acordo com o PCN de Língua Portuguesa:

Todo texto se organiza dentro de um determinado gênero, Os vários gêneros existentes, por sua vez, constituem formas relativamente estáveis de enunciados, disponíveis na cultura, caracterizados por três elementos: conteúdo temático, estilo e construção composicional. Pode-se ainda afirmar que a noção de gêneros refere-se a ‘famílias’ de textos que compartilham algumas características comuns, embora heterogêneas, como visão geral da ação à qual o texto se articula, tipo de suporte comunicativo, extensão, grau de literariedade, por exemplo, existindo em número quase ilimitado (BRASIL, 1997, p. 26).

Cabe ressaltar que os gêneros textuais são produtos da cultura estipulada por uma sociedade, constituídos por elementos, estilos e formas particulares, apresentando funções sociais específicas, são modelos comunicativos, permitindo a assimilação social. “Os gêneros são determinados historicamente. As intensões comunicativas, como parte das condições de produção dos discursos, geram usos sociais que determinam os gêneros que darão forma aos textos” (PCN, 1997, p. 23). Compreende-se que cada um dos gêneros possui características

diferentes, o que exige adaptação de seu ensino, relacionando objetivos sociais da comunicação oral e a escrita.

Visto que os gêneros podem ser utilizados nas variadas formas de linguagens, como a escrita e oralidade, essa pesquisa tem por finalidade maior apontar que o gênero textual fábula como material didático-pedagógico pode ser o grande facilitador na minimização do ensino-aprendizagem na alfabetização e letramento, como se pode confirmar:

A fábula é um gênero narrativo popular cuja finalidade discursiva é retratar aspectos inerentes à conduta humana. Ela pertence ao gênero narrativo, portanto nela há a presença de um narrador (narrador-observador), de personagens, do tempo e espaço, embora reduzidos, e finaliza-se com uma lição de moral, levando o leitor a uma reflexão (RECANTO DAS LETRAS, 2012, s/p.).

A partir do encantamento das fábulas, ler histórias para crianças amplia seus horizontes, proporciona uma nova perspectiva, incentiva para aquisição da leitura, propõe uma nova didática na arte de ler/escrever, logo no momento em que o aprendiz está nas séries iniciais, pronto para reconhecer os signos e seus significados.

### 3 RESULTADO E DISCUSSÃO

A aquisição dos signos deve acontecer, antes, durante e depois dos 7 anos. Do ponto de vista de Lima:

A idade historicamente para o início da escolaridade (que significava aprender a ler, a escrever e contar) e da aprendizagem dos costumes e normas sociais foi de sete/oito anos. Não se trata de uma mera coincidência. Esta escolha certamente resultou da observação intuitiva das crianças, pois é nessa idade que elas estão capacitadas, por já possuírem uma estrutura mental operatória, a compreender regras e obedecê-las, a organizar-se no mundo e organizá-lo (LIMA, 1986, p. 65).

Existem tempos diferentes para aquisição do aprendizado para cada criança. Elas podem ser alfabetizadas entre cinco e sete anos, nada muda, a importância compete em ajudá-lo a assimilar não apenas as letras, mas levá-lo ao mundo do letramento para que no futuro se tenha um cidadão com objetivos críticos e criativos.

Afirma Lima (1986, p. 67): “Para alfabetizar, portanto, é preciso acompanhar, passo a passo, o desenvolvimento das crianças como uma totalidade, propiciando-lhes experiências cada vez mais ricas correspondentes aos estágios em que se encontram, tendo sempre em vista o estágio seguinte” O preceptor em sua tarefa precisa se certificar que a criança tomará para si a leitura e assimilação facilmente e não se tornar inconveniente em acelerar esse processo, as repetições de atividades o deixarão ansioso e desmotivado.

Assim, é necessário utilizar-se dos variados textos literários com histórias do interesse do aprendiz, para intercorrer uma mediação de aprendizagem prazerosa. Lima elucida que:

Para a alfabetização, é fundamental a existência de um vocabulário amplo, o que deve pressupor um maior número de experiência da criança. Falar exercita a expressão de ideias e amplia o mundo mental, do que resultam, em consequência, maiores possibilidades de analisar e transformar a realidade (LIMA, 1986, p. 25).

Nessa interpretação é possível identificar que no ensino-aprendizagem de leitura e escrita em consonância com a literatura e alfabetização podem agregar uma compreensão facilitadora de estratégia didática, que traz o gênero textual fábula, como instrumento minimizador das dificuldades do aprendiz no processo da alfabetização e práticas de letramento com o objetivo do conto, reconto e narração. Objetiva-se as possibilidades de desenvolvimento, sua autonomia intelectual, seu pensamento crítico e também o aprimoramento de habilidades e competências para continuar seu aprendizado.

No entendimento de Lima (1986, p. 25) que afirma, “falar é, portanto, um *direito da criança*, já que é um elemento de seu próprio desenvolvimento. As crianças falando, desenhando, dramatizando etc. estão, na realidade, experimentando, gradualmente, a liberdade e a participação”. Essas contribuições para alcançar a alfabetização trazem o lúdico para o mundo infantil, a literatura, as fábulas desempenham como instrumentos facilitadores do aprendizado, provocando satisfação ao sujeito na aquisição do conhecimento.

REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO

### 3.1 Participantes da pesquisa

O momento em que se atrai a atenção do ouvinte é uma satisfação em ver um sorriso, um olhinho aberto e a fisionomia de preocupação e curiosidade de descobrir o desfecho final da fábula.

Entre os meses de abril a junho de 2019, na sexta-feira no vespertino e matutino salvos os feriados, aconteceram as contações do gênero textual fábula. Este trabalho foi recebido com muito carinho com o apoio da coordenadora Alcione Patrícia da Silva no Centro Social Nerivaldo Costa, situado na Avenida das Nações Unidas com a rua 5 s/n, Bairro Tônico Bento.

Em um bairro de baixo poder aquisitivo onde a maioria desses jovens em idade escolar estudam, na Escola Municipal Márcio Ribeiro. O Centro Social Nerivaldo Costa promove alguns eventos no contratempo das atividades escolares desses alunos, assim eles foram convidados a participarem das contações de fábulas no matutino e vespertino, porém no matutino são ouvintes do Ensino Fundamental I da Educação Infantil I e II, 1º ao 3º ano e vespertino são de 3º ao 7º ano, esses conhecem bem os gêneros textuais, os nomes citados ao longo do trabalho são fictícios, resguardando os ouvintes.

Os aprendizes demonstraram gostar de ouvir história sem rejeição mesmo utilizando o gênero textual fábulas, e ouvindo um pouco sobre a Língua Portuguesa em seu horário de descanso, mostrando interesse no aprendizado, participando, opinando e na curiosidade de pegar nos livros de fábulas, correm o olho. Aqueles que não adquiriram, ainda, os códigos do alfabeto arriscavam-se na leitura.

Todos os envolvidos colaboraram com esse momento. Assim que se chegavam ofereciam para organizar o espaço com um tapete decorado com personagens de contos infantis, com esmero e carinho construído pela coordenadora Alcione. Em seguida, acomodavam-se. Foi perfeitamente mágico, vivenciar esse momento cuja atenção era toda direcionada ao contador de histórias.

São momentos que prendem a atenção do público e conseguem atribuir os conceitos de assimilação e acomodação, conforme atribui Cunha:

Pensar a escola por meio dos conceitos piagetiano implica visualizar o trabalho do professor como um conjunto de atividades que propiciam o desenvolvimento cognitivo. O professor é responsável por apresentar situações desafiadoras que permitam ao aluno perceber o desequilíbrio que há entre ele e os conteúdos das matérias escolares. Além disso, cabe também ao professor organizar um ambiente de aprendizagem que favoreça a ação do aprendiz sobre esses mesmos conteúdos. (CUNHA, 2015, p. 64).

As pesquisas que são direcionadas aos procedimentos piagetiano são aplicados em sala de aula com a intenção de estabelecer a interatividade com o sujeito, objeto de aprendizado e, no decorrer do desequilíbrio dos saberes, o sujeito encontra uma motivação de adquirir a assimilação e a acomodação. Sem o momento ouvinte↔narrador de histórias, não há motivação em desvendar ou decodificar os signos e seus significados, pois não há conhecimento. Os gêneros textuais fábulas trazem momentos de descobertas, de conhecimento, de descontração e aprendizado.

### 3.2 Métodos/Estratégia de produção de dados

Após as apresentações, a primeira fala foi sobre o gênero textual, uma breve explicação e constata-se que algumas crianças já conheciam ou tinham ouvido falar. Iniciou-se com a fábula muito conhecida dos educadores que tem a intenção de instruir o sujeito a plantar para colher, ou melhor, quem ajuda o próximo tem sua recompensa *A Galinha Ruiva* da coleção *Bau do Professor* utilizamos imagens dos animais, milho e bolo em miniaturas construídas por nós de Eva, um recurso que os aprendizes gostam muito e que esta retratada na foto 1, essa pesquisa de campo utilizou-se a fábula contada sem leitura do texto, para que os ouvintes entendam que

memorizar faz parte da alfabetização, assim ao fixar o aprendizado, certamente se lembrará do que aprendeu durante as explicações de um professor.

Foto 1: Contação de fábula A Galinha Linha.



Fonte: Pesquisa de campo, (2019).

Ao contar uma fábula, utilizam-se vozes diferentes, onomatopeia e as figuras dos personagens. A cada momento um suspiro de curiosidade e, no final, risos. Foi, então, que se ouviu uma voz que disse: “Nossa, mas a galinha faz tudo sozinha? Coitada!” e essa é a retribuição que se recebe: alguém conseguiu captar a mensagem da fábula, depois de uma análise textual, vê-se que cada um tem uma opinião e a pergunta: - Mas poderia a galinha perdoar e dividir o bolo? A resposta foi sim, mas se não houvesse a lição aos amigos da galinha, eles aprenderiam ajudar o próximo? Levando a cada um tirar sua conclusão. Logo após foi servido um bolo de milho, para degustação, e eles amaram a surpresa. Durante a brincadeira foi explicado que era o bolo da Galinha Ruiva.

A fábula mais conhecida foi *A Cigarra e as Formigas* reescrita por Monteiro Lobato que muda o final e conclui que as formigas absolvem a cigarra pelo seu erro trazendo-a para dentro do formigueiro para se aquecer do rigoroso inverno. O comentário sobre essa fábula foi debatido porque no livro do escritor francês Jean de La Fontaine, as formigas não perdoam a cigarra finalizando-o – “Cantou por todo verão?” – “Agora dance!” Fechando – lhe a porta. São essas discordâncias em histórias que levam o aprendiz a ter sua própria opinião, ficando divididos entre abrir ou fechar a porta. Utilizaram-se o livro na intenção de propagar o interesse da leitura. Em algumas contações tiramos fotografia para registrarmos os momentos de ludicidade e encantamento e nessa foto 2 ficou registrado que eles ficam muito a vontade e prestam atenção a cada parágrafo. A cada encontro no Centro Social instruímos para que leiam

mais, para adquirirem a facilidade de interpretação de textos. São momentos para o professor, aproveite o interesse para ensinar palavras novas e seus significados e até mesmo conteúdos das diversas disciplinas.

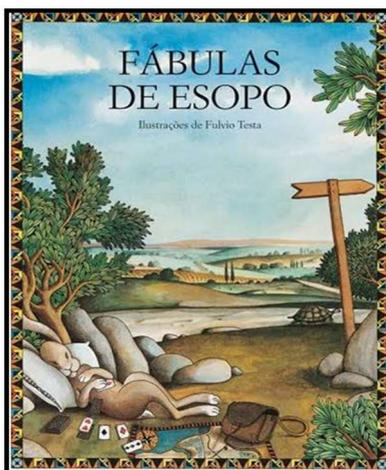
Foto 2. A leitura do livro de fábulas de Monteiro Lobato.



Fonte: Pesquisa de campo, (2019).

Conhecidas no mundo todo, as fábulas de Esopo, um fabulista grego que foi escravo, um indivíduo privado de sua liberdade e, a ele se atribui a paternidade das fábulas, uma das varias capas dos livros que foi retirada que ainda tem publicações das fábulas esta retratada no texto, imagem 1. Um gênero literário muito conhecido *A Tartaruga e a Lebre* é uma fábula que traz na moral da história: “nem sempre os mais velozes chegam primeiro.” E todos gostam quando a lebre que se achava invencível perde a corrida. Essa expressão invencível pode ter gosto de derrota para muitos, mas todos que se parecem com a tartaruga, um dia terão o gosto da vitória e o ouvinte pode sim ser a tartaruga vencedora. Então a pequena Ana Maria disse: “- Tia. - Um dia vou correr mais que o coelho,” “risos”. Utilizou-se o livro de Monteiro Lobato *Fábulas*, da reescrita de Esopo. Toda essa síntese de Esopo e Monteiro Lobato deve ser descrita para que tenham um entendimento de onde e como surgiram as fábulas. Assim aproveitar esse momento de acomodação e argumentar que os diferentes gêneros textuais se adequam ao uso que se faz deles. Adequam-se, principalmente, ao objetivo do texto, ao emissor e ao receptor da mensagem e ao contexto em que se realiza.

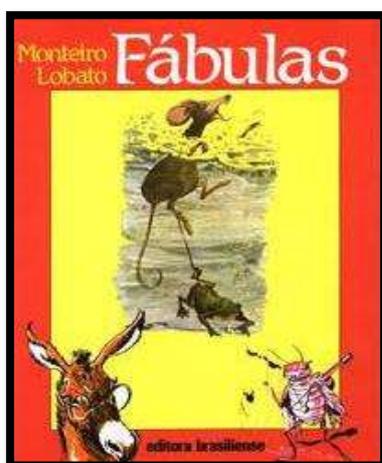
Imagem 1: Livro as Fábulas de Esopo.



Fonte: [www.extra.com.br/livros/literaturainfantojuvenil/juvenil/fabulas-de-esopo-editora-martins-fontes-474185.html](http://www.extra.com.br/livros/literaturainfantojuvenil/juvenil/fabulas-de-esopo-editora-martins-fontes-474185.html) acesso: 17 de novembro de 2019.

*A Rã sábia* essa fábula traz em seu enredo, o preceito de “quem fala menos, pensa mais” então entenderam a importância do silêncio para aprender e refletir sobre as aprendizagens em sala de aula. E comentaram como seria difícil a vida dos animais com o aumento da família da onça. Levamos o livro de Monteiro Lobato *Fábulas*. Registrou-se então nesta pesquisa a imagem da capa do livro utilizado. Porém a fábula foi contada sem a utilização de leitura no livro, esse livro traz em seu interior as fábulas reescritas de Monteiro Lobato, um material riquíssimo no saber para o gênero textual fábula e tem por finalidade de mostrar a importância do material concreto como instrumento no ensino-aprendizado na construção do conhecimento e no processo de alfabetização.

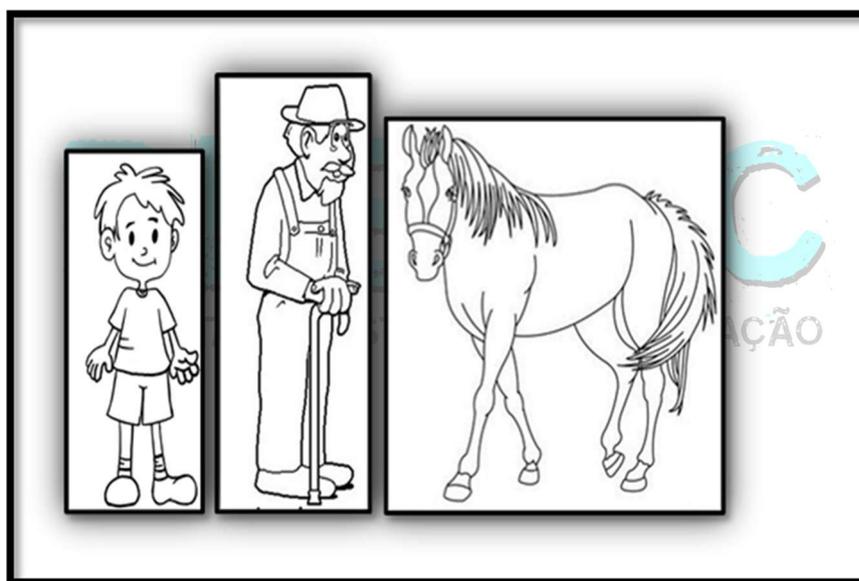
Imagem 2. As diversas fábulas de Monteiro Lobato.



Fonte: Pesquisa de campo, (2019).

Ao passar dos dias acredita-se que os aprendizes perdem o interesse em estudar fora do contexto escolar ou no momento de descanso, uma preocupação para as contadoras de história para seguimento em sua pesquisa, e a surpresa foi mesmo sabendo que por traz das contações de fábula tinham um contexto de Língua Portuguesa os aprendizes não desistiram em momento algum e mais um clássico se fez presente. *O Velho, a Mulinha e o Menino*. Entre sorrisos e ouvidos atentos essa fábula mostra a importância da opinião própria e apresenta uma conclusão, em que, em alguns momentos de vida, não se consegue agradar a todos ao mesmo tempo, mas pode tentar sem se prejudicar. Foi utilizado xérox para que os ouvintes e futuros contadores de fábulas entendam que mesmo com xérox dos envolvidos como personagens. Tais objetos podem ser construídos de forma simples e o apoio do livro é muito importante para aprimorar a leitura.

Imagem 3. A fábula O Velho, o menino e a mulinha.



Fonte: Pesquisa de campo, (2019).

Ampliar o vocabulário, trabalhar sentimentos, incluir o lúdico e alfabetizar são alguns dos objetivos geralmente ligados à leitura de textos literários como as fábulas no Ensino Fundamental I anos iniciais. Essa capacidade de se colocar em situações diferentes durante a leitura se estende à vida adulta, fazendo parte da nossa formação nessa etapa entra o letramento que vem desenvolver o uso competente da leitura e da escrita nas práticas sociais. E nessa sexta feira trabalhamos com *O Cavalo e o Burro*, de autoria de Monteiro Lobato, depois *A Ratinha presunçosa* de Esopo e por ultimo a menina e o leite *A menina do leite*. Há muitas fábulas para serem utilizadas como apoio didático-pedagógico para reforçar a leitura, induzir o reconto,

reescrita e atividades lúdicas para a potencialização da alfabetização e letramento. Coelho (2001, p. 31) afirma que “estudar uma história é ainda escolher a melhor forma ou o recurso mais adequado de apresentá-la.” Foram montados os materiais concretos para a foto 3, são registrados aqui alguns materiais utilizados na contação de fábulas. Em todos os dias foi utilizado o chapéu de contador de histórias, um objeto especial que transforma já na primeira impressão que o contador está se vestindo diferente e que o contexto será diferenciado a partir do encantamento, os personagens de Eva, papel, os livros, o avental de histórias se tornam aliados no mundo imaginário infantil e isso transforma a pedagogia tradicional em aprender e se divertindo uma nova pedagogia.

Foto 3: O avental e suas histórias.



Fonte: Pesquisa de campo, (2019).

A literatura, alfabetização, letramento e o gênero textual fábula estão interligados na linha de pensamento neste texto que prioriza a alfabetização. São alternativas na possibilidade de adquirir-se dos códigos alfabéticos.

O texto literário deve ser trabalhado com o objetivo de ampliação cultural das crianças e permitirem que elas desenvolvam a capacidade de interpretação. O professor deverá recorrer aos meios literários infantis no propósito da inserção dos signos e seus significados, não a um pretexto para moralizar as crianças.

O gênero textual fábula na educação possui uma colocação extremamente importante para despertar a curiosidade das crianças sobre os livros. Leva-os a querer decodificar os signos e entrar em um mundo de fantasia, magia e aventura, em que começam a entender noções de justiça de bom e mau, conceitos morais e sociais, e aprendem sem submissão. Ao trabalhar com os gêneros textuais são necessários tanto os conhecimentos teóricos quanto os práticos.

Como propagadores do conhecimento, a literatura, alfabetização, letramento e o gênero textual fábula caminham juntos, desde que relacionado à didática pedagógica. Alfabetizar é formar indivíduos que compreendam a leitura de mundo, mediante a palavra, seja ela escrita ou oral. Ser letrado é dominar o uso da linguagem e compreender a sociedade como um todo, considerando que a aprendizagem sobrevém antes do processo de alfabetização e depois dele. Assim o sujeito vive em distinto contexto social no trâmite de sua existência. Portanto o propósito deste estudo é de formar cidadãos críticos e autônomos.

À vista disso, uma história bem contada a uma criança, faz com que ela pense, observe, discorde e questione, querendo saber mais e, são características importantes para um bom leitor, sem influenciá-la em suas opiniões. Diferencia-se, pois o mundo imaginário do real, interpretando-o de maneira adequada. No intercorrer do aprendizado em seu subconsciente, possivelmente, o sujeito irá recordar-se quando adulto, então poderá levá-lo para o relato, para outras crianças, colaborando para que as fábulas não sejam esquecidas no tempo, além de ser objeto de desenvolvimento das faculdades humanas com possibilidades de moralizar, disciplinar e ser capaz de repensar.

De acordo com o desenvolvimento da aplicabilidade do gênero textual fábula, é possível falar que o aprendizado desses educandos que fizeram parte da pesquisa, posto que o correu no saguão de um Centro Social, muito contribui para assimilação do processo de acomodação e equilíbrio dos aspectos cognitivo, afetivo e psicoemocional entre o sujeito e o objeto do conhecimento. Houve a interação entre uma variedade de aprendizes que se estendeu da educação infantil ao ensino fundamental II em que aprendentes, numa forma geral, tiveram participação: ouviram com atenção e se mostraram entusiasmados com o contexto das fábulas, uma vez que os ensinamentos da moralidade fizeram-lhes sentir a grandeza da formação de caráter, moral e ética.

Nessa perspectiva, ter o gênero textual fábula como instrumento didático-pedagógico, propõe, sem dúvida, uma abertura quanto ao processo do ensino da alfabetização e letramento, deixando o educando mais criticizado.

## CONCLUSÃO

Após sucessivas leituras a respeito do tema, é possível falar que o ensino-aprendizagem, tendo como instrumento didático-pedagógico o gênero textual fábula quanto ao processo de alfabetização e letramento vem ao encontro de novas metodologias/técnicas quanto à decodificação do signo linguístico e seus respectivos significados, como também o letramento que é marcado pelas interações e participação no contexto social.

O Final do século XX e o início do XXI vêm marcados por novas concepções de abordagem acerca da Educação Infantil e também do Ensino Fundamental II, uma vez que esta pesquisa campo se realizou no Centro Social Nerivaldo Costa, cujo poder econômico dos aprendizes é de baixa Renda. Os eventos promovidos, trouxeram a oportunidade de vivenciar este projeto que teve como fim estabelecer um novo ensino às práticas do letramento e alfabetização com contação do gênero fábulas que propõe desenvolver os aspectos cognitivos, psicoafetivo e biopsíquicos, oportunizando o aprendiz a se fazer mais atencioso, interessado, além de se fazer criativo e ter um imaginário mais fluente.

É convicto que as leituras com as fábulas oportunizam o educando a uma maior assimilação do conhecimento e, simultaneamente, equilíbrio. Toma-se o gênero literário, fábulas, como aporte nos “que - fazeres” do processo da codificação dos signos e a capacidade de dar-lhes significados, como prática ativa social.

Esse processo é, sem dúvida, um equilíbrio entre o sujeito e o objeto de aprendizagem. As lições de moral trazida pelas narrativas aguçam a curiosidade, o imaginário, dando oportunidades ao questionamento e reflexão. É um repensar sobre as ações, atitudes das personagens, o que torna as aulas mais atrativas e produtivas. É a equação estímulo↔resposta.

O educando é estimulado a ler/escrever mediante textos como o gênero textual fábula cujo resultado é obtido conforme o aprendizado. É um processo que vai desenvolver não só a prática de ler e a interação social, mas também a capacidade de o aprendiz adquirir sua identidade, autonomia e as práticas de cidadania, permitindo a criticidade mediante a prática de pensar e re-pensar sobre a realidade.

Este trabalho é um início para aqueles que desejam conhecer mais e descobrir sobre as práticas de alfabetizar/letrar com a instrumentalização do gênero textual fábula como objeto didático-pedagógico na Educação Infantil e Ensino Fundamental II, uma vez que se tratava de eventos naquele local, razão da heterogeneidade de aprendizes.

## REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices** – São Paulo. Scipione, 1997.

ALMEIDA, Geraldo Peçanha de. **Práticas de alfabetização e letramento**. – 2.ed. São Paulo: Cortez, 2009.

BRASIL. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília: MEC/Secretaria de Educação Básica, 2017.

\_\_\_\_\_. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, 1998.

\_\_\_\_\_. **Lei nº 9.394, de 20 de dezembro 1996**, estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para dispor sobre a formação dos profissionais da educação e dar outras providências. Brasília, 4 de abril de 2013.

\_\_\_\_\_. MEC. **Referencial Curricular Nacional de Educação Infantil**. MEC, 1998.

\_\_\_\_\_. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros Curriculares Nacionais: língua portuguesa**. MEC: Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília. 1997.

BIOGRAFIA DE MONTEIRO LOBATO. São Paulo, Disponível em: <[http://www.e-biografias.net/monteiro\\_lobato/](http://www.e-biografias.net/monteiro_lobato/)>. Acesso em 21 de abril de 2019.

CADEMARTORI, Lígia. **O que é literatura infantil**. São Paulo. Brasiliense, 1995.

CLARINDO, Heliomar. RECANTO DAS LETRAS. **A fábula como um gênero educativo**: Disponível em: <<http://www.recantodasletras.com.br/artigos/3789848>> Acesso 29 mai. 2019.

COELHO, Beth. **Contar histórias: uma arte sem idade**. São Paulo: Ática, 2001

COELHO, Nelly Novaes. **Literatura infantil: teoria, análise, didática**. – São Paulo. Moderna, 2000.

\_\_\_\_\_, Nelly Novaes. **Literatura: arte, conhecimento e vida** – São Paulo. Peirópolis, 2000.

CUNHA, Marcos Vinicius da. **Psicologia da Educação** – 4 ed. – Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura Infantil Teórica e Prática**: - São Paulo, Ática, 2006.

GARCIA, Walkíria A. Passos. **Manual do contador de História** / Walkíria Angélica Passos Garcia... [et al.]; ilustrador Osório Garcia. – Belo Horizonte, FAPI. 2003. (Baú do Professor).

GARCIA, Regina Leite. OLIVEIRA, Anne Marie Milon... [et al.] **Alfabetização dos alunos das classes populares, ainda um desafio**. – 5. ed. – São Paulo, Cortez, 2001.

KÖCHE, Vanilda Salton; MARINELLO, Adiane Fogali. **Gêneros textuais**: práticas de leitura escrita e análise linguística. Petrópolis, RJ. Vozes, 2015.

LA FONTAINE, Jean de. **Fábulas de Lá Fontaine**. Ilustração Gustavo Doré - volume I - São Paulo: Escala, 1986.

LIMA, Adriana Flávia Santos de Oliveira. **Pré- Escola e Alfabetização** – Uma perspectiva baseada em Paulo Freire e Jean Piaget - 15 ed. Petrópolis, R.J., Vozes, 1986.

LIPPI, Valéria Martins. **De palavra em palavra** – língua portuguesa – São Paulo: FTD, 1993.

RICHARDSON (1999) apud NUNES, Heliane. [*et al.*] **Trabalhos acadêmicos**: planejamento, execução e avaliação. Goiânia: Faculdade Alves Faria, 2008.

SOARES, Magda (1998) In CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e Letrar**: um diálogo entre a teoria e a prática. 6. ed. Petrópolis, RJ: vozes, 2009.

SOUSA, Manuel Aveleza de. ESOPPO. **As fábulas de Esopo** - tradução Manuel Aveleza de Sousa – 2. ed. revista – Rio de Janeiro: Thex, 2002.

ZORZI, Jaime Luiz. **As letras falam**: metodologia para alfabetização – Manual de aplicação. São Paulo: Phonics, 2017.

Enviado em: 28/04/2021.

Artigo pré-aprovado nas bancas de defesa do curso de Pedagogia da turma 2020/2.

**REEDUC**  
REVISTA DE ESTUDOS EM EDUCAÇÃO